

Mais guaranis beneficiados

CURITIBA — A Funai concordou ontem em estender a todas as famílias avá-guaranis da região do Ocoí o oferecimento de novas terras, em troca da área que ocupam atualmente e que será inundada pela represa da hidrelétrica de Itaipu. Com isso, a Fundação Nacional do Índio deixará de considerar um controvertido laudo antropológico elaborado em 1981, no qual apenas cinco famílias eram apontadas como apresentando caracteres de indianidade.

A decisão foi tomada durante a reunião mantida por representantes da entidade com diretores da empresa Itaipu Binacional e membros da Comissão Justiça e Paz do Paraná, Conselho Indigenista Missionário e Associação Nacional de Apoio ao Índio, para o acerto de detalhes com relação à transferência do grupo avá-guarani.

Os primeiros entendimentos indicam também a possibilidade de ampliação da área inicialmente oferecida — 200 hectares no município de São Miguel do Iguacu

— e a concordância das entidades em que os títulos individuais já preparados deverão ser anulados pelo Incra, passando as terras, por serem propriedade da União, de forma coletiva para a comunidade avá-guarani, sob a administração da Funai. Por outro lado, ficou acertado que a Itaipu Binacional pagará aos índios as benfeitorias da área de 50 hectares que hoje ocupam.

O advogado Wagner D'Angelis, da Comissão Justiça e Paz do Paraná, considerou que "foi feito um avanço considerável na questão", referindo-se especificamente ao detalhe técnico da transferência coletiva das terras e à nova postura da Funai, que beneficiará todo o grupo avá-guarani. Nova reunião será realizada, desta vez na aldeia do Ocoí, na quarta-feira.

O assessor jurídico da Comissão Pró-Índio, Carlos Frederico Marés de Sousa, que participou da reunião em Curitiba, informou por telefone que os índios pediram mais terra, negando-se a aceitar os 200 hectares disponíveis.

Folha De S. Paulo, Sábado 08/05/82 - Pg. 06

Paraná no caminho da energia nuclear

Curitiba foi escolhida para instalações de uma fábrica de unidades separativas de urânio. O anúncio foi feito pelo Ministro Cesar Cals, das Minas e Energia, na última sexta-feira, sem porém adiantar maiores detalhes sobre a exata localização do empreendimento e sobre qual a exata participação da nova indústria no ciclo nuclear.

De qualquer forma, o Paraná está assim confirmado na participação quer na produção, quer na industrialização ou tratamento do urânio para uso nas usinas nucleares brasileiras ou para exportação. Além da fábrica da Siemens, anunciada, o Estado já acompanha as pesquisas e prospecção de urânio nos municípios de Figueira/Curiuva, onde está localizada a terceira maior reserva do mineral no país.

Pela descrição do Ministro, a fábrica a ser instalada em Curitiba produzirá equipamentos que servirão para o primeiro tratamento do mineral, enriquecendo o urânio que será posteriormente usado como combustível atômico. A importância da nova indústria da Siemens para o ciclo do combustível nuclear foi destacado por Cesar Cals, lembrando especialmente que em Curitiba será instalado o laboratório para aquisição da tecnologia para o setor nuclear.

IMPORTANCIA

Conforme as primeiras informações, a fábrica de Curitiba juntamente com as reservas de urânio de Figueira/Curiuva, formarão

um complexo da maior importância para as pesquisas nucleares no Brasil.

Segundo a Nuclebrás o Paraná está atualmente com a terceira maior reserva brasileira - cerca de 8 mil toneladas métricas de urânio nos veios de Figueira/Curiuva. As reservas totais do Brasil estão pouco acima de 140 mil toneladas métricas, descobertas em Itatiaia, no Ceará, e em Poços de Caldas, em Minas Gerais.

Em Figueira, a 300 quilômetros de Curitiba, a jazida já se encontra em fase de exploração, devendo um complexo mineiro-industrial entrar em funcionamento comercial em 1984, com lavra subterrânea do minério de urânio, e seu beneficiamento, resultando em concentrado de urânio e outros bens minerais que serão usados pelo

programa nuclear brasileiro.

Enquanto que sobre a fábrica da Siemens em Curitiba poucas informações estão disponíveis ainda - localização, investimentos, cronogramas de construção e funcionamento - a mina de Figueira já está quase que totalmente delimitada, com ocorrências satélites que poderão aumentar em muito a avaliação inicial. Figueira, em 1984, produzirá 500 toneladas anuais de concentrado de urânio, estando entre as maiores usinas do Brasil, e das mais importantes entre as que já estão em vias de exploração comercial. O urânio enriquecido em outros centros, poderá ser exportado em suas sobras, já que o complexo nuclear brasileiro não necessitará de toda a produção brasileira.

Gazeta do Povo, Domingo 09/05/82 - Pg. 36